

O ESTUDO DA FILOSOFIA COMO FUNDAMENTO EMANCIPADOR DO SER HUMANO

*THE STUDY OF PHILOSOPHY AS AN EMANCIPATORY
FOUNDATION OF THE HUMAN BEING*

Alexsandro Braz Silva¹

RESUMO

O presente artigo apresenta de modo sucinto a importância do estudo da filosofia na sociedade, traz junto de si e expõe importantes teóricos, antigos, modernos e contemporâneos que através de suas obras contribuem na compreensão do que é uma educação verdadeiramente filosófica. O escopo para a construção do artigo é a busca por um entendimento do estudo da filosofia de modo filosófico e não como formalidade necessária para o cumprimento de uma carga horária. Para poder entender o estudo da filosofia como uma ferramenta emancipadora do ser humano, ou seja, como libertadora houve o amparo de uma intensa pesquisa bibliográfica de importantes pensadores como Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant, Nietzsche, Rilke, Freire, entre outros. O artigo busca suscitar uma reflexão sobre o modo de ensinar e aprender Filosofia, para que ela torne-se significativa e válida aos dias atuais, salientando que para se estudar filosofia são necessárias novas posturas e pré-disposições do espírito humano.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Emancipação. Autonomia.

¹ Licenciado em Filosofia pela UNINTER. Professor de Ensino Religioso e Formação Humana na Rede Sagrado de Educação. *E-mail*: brazalex32@gmail.com

ABSTRACT

The present article briefly presents the importance of the study of philosophy in society, brings with it and exposes important theoreticians, ancient, modern and contemporary who through their works contribute in the understanding of what is a truly philosophical education. The scope for the construction of the article is the search for an understanding of the study of philosophy in a philosophical way and not as a necessary formality for the fulfillment of a workload. In order to understand the study of philosophy as an emancipating tool of the human being, that is, as liberator, there was the support of an intense bibliographical research of important thinkers like Socrates, Plato, Aristotle, Kant, Nietzsche, Rilke, Freire, among others. The article seeks to rouse a reflection on the way of teaching and learning philosophy, so that it becomes meaningful and valid to the present day, emphasizing that to study philosophy, new postures and pre-dispositions of the human spirit are necessary.

Keywords: Philosophy. Education. Emancipation. Autonomy.

INTRODUÇÃO

Terá a filosofia alguma utilidade em nossa vida? O ensino de filosofia é pertinente aos nossos estudantes? Estudar filosofia para quê? Alicerçado nestas questões o presente artigo busca apresentar de modo sintetizado a importância do ensino e estudo da filosofia em nossa sociedade, expondo sua importante função no campo educacional.

Uma vez que tenhamos a filosofia integrada nas grades curriculares de nossas escolas, convém analisá-la para que possamos autenticá-la como uma ferramenta necessária e importante à vida do ser humano o que destoa do mero cumprimento de formalidade que muitas vezes nos faz estudar a filosofia, ou seja, ela não deve ser mais uma matéria, mas sim uma importante fonte de conhecimento humano que auxilia no seu processo de desenvolvimento sobre tudo em sua emancipação intelectual.

Desta forma, a partir de pesquisa bibliográfica, este artigo buscará expor respostas para as perguntas já citadas, proporcionando uma reflexão sobre a razão de estudarmos filosofia.

1 O CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO VERDADEIRAMENTE FILOSÓFICA

Antes de propriamente nos aprofundarmos no projeto emancipador proveniente do estudo da filosofia, convém que possamos compreender o que é uma educação filosófica e qual o procedimento, para que de fato ela cumpra com sua função e eduque filosoficamente.

A educação em si vem ganhando espaço para discussão no Brasil basta abrir os jornais, as revistas, assistir televisão ou acessar a internet, para perceber que ela é um assunto ainda atual e que sempre está em processo de transformação, um exemplo é a própria BNCC – Base Nacional Comum Curricular, recentemente aprovada pelo Conselho Nacional de Educação. Este importante documento busca reformular as grades curriculares das escolas e projetar um novo formato de educação, uma vez que os modos de se educar já vinham sendo cada vez mais questionados, sobretudo quanto à sua metodologia e prática, ao mesmo tempo a BNCC fundamenta a importância da educação no desenvolvimento do ser humano, tornando-os verdadeiros protagonistas de seu tempo, desta forma orienta os professores da Área das Ciências Humanas e Sociais.

É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas (BRASIL, 2018, p. 562).

Outra questão também salientada pela BNCC e que devemos levar em conta é concepção da educação enquanto um direito assegurado pela nossa Constituição desde 1988 conforme o artigo 205 que afirma:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Tendo em vista a educação enquanto direito de todos e como fonte de protagonismo é importante poder compreendê-la melhor para que juntos possamos enquanto cidadãos usufruir de seus benefícios. De modo mais específico vamos nos deter na educação filosófica, ou seja, no direito de se ensinar, aprender e praticar a filosofia.

Para se falar em uma educação filosófica devemos primeiramente partir de uma percepção facilmente encontrada em nossas escolas, sejam particulares ou públicas. Podemos perceber que em nossos dias atuais muitos professores, verdadeiros “apóstolos” mediadores da sabedoria e do aprendizado, mostram-se chocados com a triste realidade que os cerca, de uma verdadeira desconformidade e desinteresse dos seus alunos em aprender.

Não é incomum em sala de aula encontramos alunos desanimados, sem interesse e sem vontade de aprender, surgem perguntas como: No que isso vai me servir, professor? Terei que saber isso para minha vida? Em que vou usar este problema, fórmula ou teoria?.

Muitas vezes o desinteresse dos alunos em aprender está ligado aos parâmetros sociológicos e históricos de cada um, porém não apenas, o que se está tentando dizer aqui, é que o desinteresse no estudo está também relacionado ao descrédito do pensamento em nossa atualidade, ou seja, há uma preguiça em pensar e muitas

vezes esta barreira educacional torna-se um imenso problema para o profissional da educação, por outro lado há um determinado comodismo por parte deste profissional que se contenta com o que está a sua volta.

O desinteresse estudantil serve apenas como base para uma reflexão mais aprofundada que está altamente relacionada ao tema, a educação filosófica. Deste modo surgem grandes questões como: Por que não se falar de uma educação filosófica ao invés de apenas descrever uma matéria que se chama filosofia? Por que não falar de uma filosofia que atua na vida? Existirá a possibilidade de acesso ao educar em Si, de modo filosófico? Será possível “umedecer” todas as matérias com o teor filosófico? Será possível tornar todos os alunos e professores verdadeiros amantes da sabedoria? Será a filosofia a grande salvadora da educação?

Aqui começa o verdadeiro papel da filosofia! Cabe dizer que, em se pensando nestas perguntas já se está fazendo filosofia. Nesse mesmo processo de preocupação e análise compete a pergunta de modo mais específico: Como se dá a educação em se tratando do estudo da filosofia, uma vez que está se pondera nos limites mais sublimes do pensamento?

Podemos encontrar pistas para uma possível resposta a partir de alguns teóricos como o professor e frade franciscano Hermógenes Harada (2011, p. 11), que, em seu artigo *De como Estudar*, diz “O estudo da filosofia é um estudo superior. É superior porque exige uma atitude pessoal que manifesta uma superioridade humana no estudo, isto é, no desempenho do trabalho intelectual”.

Partindo desta afirmação, Harada lança no pensamento uma compreensão e um amplo desafio, que por vezes é desanimador. O estudo filosófico está profundamente ligado a quem estuda filosofia, “é uma atitude pessoal”, o que leva a um entendimento, de que o professor nada pode fazer para obrigar o seu aluno a estudar, gostar de filosofia ou ser filósofo.

Outro teórico é o famoso filósofo alemão Kant, este usara por vezes o termo *Aufklärung*² designado por Esclarecimento e é deste termo que podemos extrair a originalidade e o teor de um estudo verdadeiramente filosófico.

² Em alemão o termo *Aufklärung* expressa justamente um esclarecimento, um “tornar claro”. Quase como que sair de um lugar, de um estado de sombras e vir para a luz, para a razão. Portanto, para Kant, Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, isto é, é a possibilidade de cada um usar a sua própria razão, de cada um fazer uso de seu próprio entendimento e daí direcionar a sua vida e as suas escolhas. Segundo Kant, são duas as condições essenciais para que aja o Esclarecimento: decisão e coragem. Decisão e coragem que garantem, dessa forma, o *Sapere aude!* Tem a ousadia de fazer uso do teu próprio entendimento!

Aufklärung é a saída do homem de sua menoridade da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é a palavra de ordem do esclarecimento (KANT, 1985, p. 100).

Contrária à menoridade apresentada por Kant há a maioridade e ser “maior”, implica no uso do próprio entendimento é uma atitude de superioridade, extremamente filosófica, e por ser filosófica é ligada à vida. Assim, em não se aceitando a obrigatoriedade de estudar a filosofia como mera disciplina acadêmica o aluno faz-se por si mesmo filósofo, pois todo aquele que coloca-se a caminho do estudo da filosofia o faz pela maioridade.

Superioridade humana não significa ser mais poderoso, mais dotado, mais inteligente, mais convencido de seu saber. Antes, significa ser mais maduro na experiência daquilo que perfaz a essência do homem. E a essência do homem é vida (HARADA, 2011, p. 11).

Desta forma, a filosofia só se dá concretamente naqueles que realmente almejam, por si mesmos, estudarem filosofia e dentro deste mesmo processo se “tornar filósofos”. Caso contrário, o aluno apenas se vê em mais uma matéria da qual ele obrigatoriamente precisa estudar. De fato, estuda filosofia, mas, de maneira nada filosófica. É necessário que aqueles que entram no estudo da filosofia, entrem de maneira superior como salientou o professor Harada e de modo esclarecido como fala Kant. É necessária a passagem da obrigatoriedade para a vontade própria e livre do estudante em querer estudar filosofia.

O grande exame a ser feito em relação à educação filosófica é justamente questionar até que ponto é filosofia. E assim, buscar a *Scintilla*³ filosófica, o ideal do filósofo de ser amante da sabedoria tanto no estudo da filosofia, quanto nas demais dimensões que surgem no dia a dia de nossas escolas, geografia, matemática, português, ciências, artes etc.

³ Segundo Enio Paulo Giachini “Indica um direcionamento, significa faísca, centelha, cintilação. É o abrir-se e fechar-se instantâneo da luz, sua manifestação e ocultamento repentinos”. (GIACHINI, 2015, p. 543).

É comum ver em escolas e colégios defendendo o *slogan*: “preparando seu filho para o futuro” ou “preparando você para vencer no vestibular”. Da mesma forma, é tão pouco incomum ver alunos que dizem: “Este professor é ruim”, “este professor não sabe ensinar”, ou ainda, “essa matéria é desnecessária”. Isto denota que, dentro de uma linguagem jovial, a educação ficou “chata”. Igualmente a filosofia ficou “chata” e inóspita ao verdadeiro saber. Esta é a triste realidade! Ver professores de filosofia transformando a matéria em verdadeiros “despejos” de conteúdo, transformando a filosofia, que deveria ser um exercício da razão mediante a liberdade que se tem, em meio para se alcançar o simples “status” de ser aprovado num vestibular. A educação dessa forma só torna os alunos máquinas formatadas com o “conteúdo refluindo até pelas orelhas”.

Mas, então, como levar a filosofia ao bom êxito? Em uma notícia condizente ao ensino de filosofia por parte dos professores. Immanuel Kant diz:

Somos forçados a nos adiantar aos anos com o discernimento e, sem aguardar a maturidade do entendimento, devemos transmitir conhecimentos que segundo a ordem natural, só poderiam ser alçados por uma razão mais exercitada e mais experimentada. É aí que tem origem os eternos preconceitos das escolas, mais tenazes e muitas vezes mais desenxabidos do que os comuns, bem como a tagarelice precoce dos jovens pensadores, mais cega do que qualquer outra arrogância e mais insanável do que a ignorância (KANT, 1992, p. 140).

A dificuldade para responder à pergunta do êxito da filosofia está justamente no fato ao qual Kant chama a atenção. Em um mundo educacional impregnado pelo conteudismo⁴ o verdadeiro ensino da filosofia sofre atrocidades. A manipulação dela enquanto simples matéria e necessidade temporária para suprir a execução do êxito em um simples exame, sem levar em conta a maturidade dos alunos, causa a “tagarelice” e, por que não, o desinteresse. Realmente, desta forma, pode-se confirmar, junto aos muitos alunos, que a filosofia é “chata” e desnecessária. Pode-se até confirmar a sua morte em troca do conteúdo histórico didático. E assim se dá em todo o campo da educação. A falta de compreensão, de maturidade e de entendimento da superioridade mencionada pelo professor Hermógenes, necessária para o sucesso final do modo de ser filosófico da filosofia, faz do ensino algo desgostoso, sem sabor algum, ou, até mesmo, amargo e doloroso caminho a ser obrigatoriamente percorrido.

⁴ Anexo, simples memorização sem a preocupação de ir a fundo.

A professora Simone Gallina, em um texto no qual discorre sobre o tema do ensino da Filosofia, com base no filósofo francês Gilles Deleuze, diz:

A ausência de clareza acerca do ensino de filosofia resulta da atribuição de uma certa primazia do que convencionamos chamar de temas próprios da atividade filosófica. Ao que parece, não são somente os conteúdos empregados no ensino da filosofia que a constituem como atividade filosófica, mas antes, o que a torna propriamente filosófica. Convém, observar que ao dizermos isso não estamos querendo negar a pertinência da didática, mas tão-somente que ela depende, em última instância, da delimitação daquilo que consiste propriamente no ensino da filosofia como atividade filosófica (GALLINA, 2004, p. 360).

As palavras de Gallina expressam de maneira formidável o que o estudo da filosofia adota como viés, exige a fuga do exacerbado conteudismo para que, realmente a luz filosófica brilhe. Isso não significa abandonar os preceitos didáticos necessários, mas, é de suma importância trabalhar com eles a partir da filosofia e não, da maneira contrária, a filosofia a partir deles.

Poder-se-ia citar os métodos que perfazem o ensino de filosofia, tais como: dialético, crítico, imaginativo, busca da verdade, dúvida etc. Contudo, antes de se apegar demasiadamente a eles faz-se imprescindível mergulhar no mundo filosófico, buscar a filosofia, procurá-la como o amante procura a amada, mas, com cautela, pois, como o professor Harada afirmava em uma de suas palestras: Buscar a Filosofia é procurar um gato preto numa sala escura sabendo que o gato não está lá. O que significa que o caminho filosófico a ser percorrido não tem um fim é sempre um processo contínuo e profundo.

Arcangelo Buzzi, em seu livro *Introdução ao Pensar*, declara:

Quem quer pensar deve aprender. Só o homem aprende a pensar. E aprende porque está no pensamento. Por sentir-se na proeza do pensamento, ele mesmo se define *animal que pensa*. Para tanto precisa fazer exercícios e lutar muito para merecer sua destinação de pensar. Isso o leva a frequentar a realidade. Aqui o pensamento aprende a pensar. Fora dessa escola não há aprendizagem [...] A semente que germina produz ramos, folhas, flores e frutos. O pensamento que pensa, produz conhecimentos e falas diversas. Produz conhecimento e fala que calcula, imagina e confia. E produz filosofia (BUZZI, 1986, p. 9).

Essa ardente busca e desejo pelo aprender a pensar, do qual fala o professor Buzzi, é a via de caminho para o surgimento da filosofia, seja na matéria intitulada filosofia e, também, em todas aquelas que participam da formação humana no campo educacional. O desejo de ser não apenas um aluno que sabe tudo, mas, um aluno que se reconhece como um digno pensador, um ser pensante que pensa é a essência que supre a falta de caracterização do estudo de filosofia e das demais disciplinas.

Mais uma vez há de ser ressaltada a importância não só do estudante de filosofia. É preciso levar em conta que este não é uma ilha isolada e que não consegue tudo sozinho, pois, no campo educacional filosófico, não basta apenas a vontade do estudante, mas, também, da instituição de ensino, escola e professores que juntos podem levar a bom porto o trabalho da formação filosófica. Deste modo cabe ao professor a sua parcela de responsabilidade como afirma Kant.

De um professor espera-se, pois, que ele forme em seu ouvinte, primeiro o homem sensato, depois o homem racional e, por fim, o douto. Semelhante procedimento tem a vantagem de que o aprendiz, mesmo que jamais chegue ao último grau, como em geral acontece, ter sempre ganho alguma coisa com o ensino e se ter tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos perante a vida (KANT, 1992, p. 173).

A cooperação de ambos os lados, professores e alunos, leva aquele que se dedica ao estudo da filosofia deixar de dizer: “Esta matéria é chata”, “este professor não sabe ensinar” ou “esta aula é desnecessária”, porém, para que isto ocorra é necessário liberdade.

Muitas instituições privam seus alunos da liberdade que é tão essencial para todo e qualquer ser que pensa. Em contra partida, se apoiam na falsa aplicabilidade do conhecimento.

O filósofo Rousseau afirma, ao falar de uma criança:

Ao invés de deixá-lo mofar no ar viciado de um quarto, levá-lo diariamente a um prado. Que aí corra, se debata, caia cem vezes por dia: tanto melhor. Aprenderá mais cedo a levantar-se. O bem-estar da liberdade compensa muitas machucaduras (ROUSSEAU, 1979, p. 48).

Para Rousseau a liberdade é algo extremamente importante e todo ser humano é por natureza livre, portanto, a educação para seres livres só dar-se-á na liberdade.

É repugnante saber que muitos, dos “senhores da educação”, se acham no direito de privar os alunos de uma liberdade que lhes é de direito. Alunos que não são ouvidos, que não têm atenção ou que não são realmente compreendidos tornam-se desinteressados, perdem o gozo da recompensa real que o estudo pode trazer.

Por fim, é necessário compreender que o estudo de filosofia num modo realmente filosófico é possível. O cerne do ideal filosófico pode sim ajudar a direcionar todo e qualquer estudo. Os ideais de busca, de maturidade e autonomia e de superioridade se fazem importantes no processo não somente da educação, mas da própria vida.

O célebre literato Rainer Maria Rilke disse em uma carta a seu amigo Kappus, quando este lhe pediu obsequiosamente a análise de uma de suas obras:

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar, - ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: “Sou mesmo forçado a escrever?” Escave dentro de si uma resposta profunda (RILKE, 1983, p. 22).

O caminho para a real emanção da filosofia no estudo é justamente este, como cita Rilke, o olhar voltado para dentro de si, o exame ou o retorno ao mais profundo e caótico recanto da alma, o “morrer” pelo ato do filosofar tanto de professores quanto dos alunos.

Diz o filósofo Wittgenstein, em seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.112 que “A filosofia não é uma doutrina, mas, uma atividade”, dessa forma ela torna-se vida concreta, e o que mais se encontra nas escolas é vida. Vidas que nem sempre são maduras o suficiente e, por vezes, não superiores, isto é, não colocam-se no caminho da busca. Entretanto, são pura possibilidade de acontecimentos, fenômeno escondido, pronto para mostrar o brilho que se vela nos pensamentos de todas as vidas, verdadeiros filósofos prontos para o nascimento. Essa é a função da filosofia enquanto amor e dedicação pela sabedoria. É esta a filosofia que tange os limiares da educação, a de ser libertadora, desvelar este escondido e ser aquela que traz à luz, faz nascer os novos filósofos. Assim é o banhar de todos os demais estudos na água pura chamada filosofia.

2 O ESTUDO DA FILOSOFIA NA CONSTRUÇÃO DE PENSADORES AUTÔNOMOS E CRÍTICOS EMANCIPADOS

Podemos perceber que o ensino e estudo da filosofia é complexo, pois exige uma postura de maioria esclarecida, uso da própria razão e de uma reflexão profunda que rompe com o mero contedismo e memorização, não que estes não sejam importantes, mas eles não podem cercear o desenvolvimento da educação filosófica, é necessário que a filosofia rompa com o modo doutrinário de ensino e passe a ser uma matéria e atividade significativa na vida dos envolvidos em seu processo de ensino e aprendizagem. Mas como transformar conteúdo da grade de filosofia em material de profundidade na vida dos alunos e professores?

Para respondermos a esta pergunta podemos tomar como exemplo a versão apócrifa da Odisseia escrita por Lion Feuchtwanger e citada na obra *Modernidade Líquida*, do filósofo polonês Zygmunt Bauman. Esta versão destaca o retorno de Ulisses para a Ilha de Circe e o encontro com seus marinheiros transformados em porcos.

Então voltaste, ó tratante, ó intrometido? Queres novamente nos aborrecer e importunar, queres novamente expor nossos corpos ao perigo e forçar nossos corações sempre a novas decisões? Eu estava tão feliz, eu podia chafurdar na lama e aquecer-me ao sol, eu podia comer e beber, grunhir e guinchar, e estava livre de meditações e dúvidas: “O que devo fazer, isto ou aquilo?” Por que vieste? Para jogar-me outra vez na vida odiosa que eu levava antes? (FEUCHTWANGER *apud* BAUMAN, 2000, p. 28).

Feuchtwanger se antecipa e apresenta de modo formidável através de sua releitura da Odisseia o atual estado em que se encontram muitos de nossos alunos e professores, assim como os marinheiros que se contentaram com a sua nova condição, de permanecerem num estado mais simples sem preocupações, sem ter que tomar decisões e forçar seus corpos, alunos e professores têm permanecido anestesiados e contentes como o que transmitem e recebem por educação, levando o ensino da filosofia ao estado mais tradicional, onde o professor é detentor do saber que ensina e transmite e o aluno, cuja etimologia já o condiciona a um ser sem luz, que copia, memoriza e reproduz.

Contrária a esta comodidade temos a verdadeira educação filosófica que busca levar àqueles que dedicam a sua prática, seja ensinando ou aprendendo a sair do

cômodo a forçar o corpo e a mente, esta educação é incomodativa e leva ao processo de pensar, sentir-se parte do mundo e tomar posicionamentos, saindo do estado anestésico e preguiçoso em que se vive.

Como afirma Haryanna Pereira Sgrilli, graduada em filosofia pela Universidade Estadual Paulista, a educação filosófica consiste justamente em por em prática o projeto do esclarecimento proposto pelo filósofo Kant.

Kant define o “esclarecimento” como a superação da ignorância e da preguiça de pensar por si, ou seja, a passagem da menoridade para a maioridade intelectual. Ele parte do pressuposto de que todos são igualmente providos de razão e, sendo assim, de pensarem por si próprios. Para ele, se há alguém que se encontra em um estado de “menoridade intelectual”, isso se dá por covardia ou preguiça de se servir de seu próprio entendimento. (SGRILLI, 2008, p. 314).

Desta forma o projeto autônomo e emancipador do estudo da filosofia incide justamente em que tanto o aluno quanto o professor se fundamentem na perspectiva kantiana e se coloquem no caminho do *Sapere Aude!* (KANT, 1985 p. 100), ou seja, que ambos tenham a coragem e a ousadia de fazer uso do próprio entendimento, de sua própria razão, saindo do seu estado de menor, de receptor ou mero repetidor de informações teóricas e dogmáticas. A originalidade da educação filosófica está na forma como nos posicionamos frente a ela, seja como professor ou aluno.

A professora formada em filosofia, Maria Lucia de Arruda Aranha, elucida em seu livro *Filosofia da Educação* o que se espera de um verdadeiro filósofo, temos ali um arquétipo para que através da prática filosófica saíamos do óbvio e questionemos as verdades dadas como certas, emanando esta força, atitude e olhar filosófico para todas as ciências que nos possibilitam o conhecimento do mundo.

Na verdade, a filosofia pode ter por objeto de reflexão qualquer tema. Mas o mesmo tema tratado pela ciência, pela religião, pela arte, etc. merece do filósofo um outro olhar. Até porque não se pode dizer que a filosofia seja um conhecimento, pelo menos do tipo do senso comum ou da ciência. Ela é mais uma atitude de colocar em questão o que parece para muitos indiscutível, seja porque eles têm “certezas”, seja porque estão acostumados com aquilo que lhes parece “banal”. Por aí podemos ver que o filósofo desestabiliza certezas e questiona o que é convencional. Não por acaso para Platão, a primeira virtude do filósofo é admirar-se. Essa é a condição para problematizar, o que marca a filosofia não

como posse da verdade, mas como sua busca. Sob esse aspecto, se o filósofo é capaz de se surpreender como o óbvio e questionar as verdades dadas, aceita a dúvida como desencadeadora desse processo crítico (ARANHA, 2006, p. 20).

Se voltarmos para um contexto mais antigo da história da filosofia encontraremos a conjuntura em que o filósofo deve estar inserido e que ainda hoje é primordial, segundo Platão e Aristóteles, filósofos antigos, (apud TRIGO, 2012, p. 25) o processo de filosofar deve partir do que eles denominavam de assombro ou espanto, “Pois o assombro, tanto no Início como hoje, induz o homem a pensar”, sendo assim, se espera daqueles que estudam a filosofia que tenham essa capacidade de se assombrar e se espantar com as coisas que nos cercam, assim uma verdadeira educação filosófica se torna um convite à curiosidade e à busca da verdadeira autonomia que nos leva a sermos por nós mesmos, livres de amarras que nos afastam da verdadeira sabedoria, livre de limites que tangem o nosso modo próprio de Ser no mundo e que nos limitam ao mero acúmulo de conhecimento teórico, devemos livremente buscar o conhecimento, mesmo que conhecer a totalidade das coisas tecnicamente não seja possível, como afirma Luiz Gonzaga Godoi Trigo:

A educação deve aguçar a curiosidade dos jovens e adultos promover a criatividade e a sensação de que o conhecimento é infinito e pode ser degustado até o fim de nossas vidas sem jamais se esgotar. Mas talvez nunca saibamos de tudo. O fato do conhecimento ser, hipoteticamente, infinito não que dizer que nossa capacidade intelectual de absorvê-lo também o seja. (TRIGO, 2012, p. 26).

Recorrendo ainda aos filósofos da antiguidade podemos entender que o estudo da filosofia deve despertar nos professores e alunos o espírito socrático, junto com seu método dialético da Ironia e da Maiêutica, na busca profunda pela verdade e o nascimento de novas ideias, Sócrates deve servir de exemplo, crítico do saber dogmatizado, buscou despertar as consciências adormecidas, assim deve ser o estudo e ensino da verdadeira filosofia de desvelar e despertar os homens para a vida que os cerca, ela deve possibilitar uma autonomia crítica, libertadora e revolucionária para nos tirar da ordem e contentamento em que nos encontramos, devemos sair de nosso estado de seres apáticos para o mundo e nos tornarmos verdadeiros seres atuantes e que buscam a verdade se distinguindo de apenas acumuladores de conceitos

e dados previamente selecionados e distribuídos uniformemente, mesmo que por vezes sejamos ignorados, mal interpretados e excluídos. O filósofo deve incomodar.

Se fizermos um paralelo entre Sócrates e a própria filosofia, chegaremos a conclusão de que o lugar da filosofia é também na praça pública, daí a sua vocação política. Por ser alteradora da ordem, perturba, incomoda e é sempre “expulsa da cidade”, mesmo quando as pessoas se riem do filósofo ou o consideram simplesmente inútil. Por via das dúvidas, o amordaçam, “cortam o mal pela raiz” e até retiram a filosofia das escolas, como acontece em época de ditadura. Mas há outras formas de pensamento dogmático e discurso de poder, ou ainda quando cinicamente reabilitamos Sócrates morto, já que então se tornou inofensivo (ARANHA; MARTINS, 2007, p. 87).

Como podemos entender ser autônomo é a capacidade de agir por si mesmo, livre das amarras e a partir desta autonomia nos emancipar, ou seja, ter a capacidade de governar a si próprio, direcionar a si mesmo e se autogerenciar, e tais tarefas devem partir da intencionalidade própria de cada um, ou seja, não basta estudar a matéria de filosofia, conhecer todos os pensadores e sua linha histórica, é sim necessária uma postura receptiva e ativa para que os conceitos propostos e dispostos nos possam gerar incômodo em nosso estado e nos movimentar em direção de um pensamento próprio e novo, bem como salienta as perspectivas filosóficas deixadas por Sócrates, Platão e Aristóteles.

Karen Franklin afirma, em seu livro *Filosofia no Ensino Fundamental*, o estudo da filosofia deve despertar espírito crítico que é um dos mais importantes produtos de uma alma autônoma e emancipada, pois revela autenticidade e criatividade de se ver e Ser no mundo.

O pensamento filosófico está atrelado a uma percepção mais crítica do mundo, pois não se contenta com o que está posto. É preciso verificar sua autenticidade, seu valor e sua correção. Assim a proposta da filosofia para crianças também busca desenvolver o pensamento crítico na criança. Quando ela lança um olhar autêntico sobre a realidade, também imprime um olhar criterioso e criativo que é todo seu. (FRANKLIN, 2016, p. 132).

Por fim, ser autônomo emancipado através do estudo da filosofia é a capacidade de extrair do fundo de nós mesmos a criança que pode nos auxiliar na construção de nossa autenticidade que nos faz ser quem de fato somos e quem de fato queremos

ser, é a liberdade de poder criticar, ser original, incomodar e desestabilizar os saberes dogmatizadores, poder estabelecer um senso crítico que nos afaste do senso comum e do veneno do politicamente correto, desta forma o estudo da filosofia nos torna autônomos emancipados quando nos permite encontrar a criança que está oculta dentro de cada um de nós, a desvelando para o mundo, ela cumpre com o seu papel como as mulheres citadas por Friedrich Nietzsche em seu livro *Assim falou Zaratustra*, “Há uma criança oculta no homem autêntico: ela quer brincar. Vamos, mulheres, descubri a criança no homem” (NIETZSCHE, 2015, p. 86).

3 UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA FRENTE A NOSSA ATUALIDADE E O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA

Por muito tempo, e ainda hoje não é diferente, legou-se à educação o caráter de imprimir na conduta dos alunos certo modo de agir compatível com o que a disciplina rígida, usada na prática docente, considerava o método “dos métodos” no ato de educar. Repetições desmedidas, memorizações sem limites, castigos, formalidades frias, enfim, um modo de dar um encaminhamento à velha fórmula dos filósofos pessimistas que acreditavam na maldade inata dos seres humanos. Aqui se apresenta um modo de conceber a educação em baixa na contemporaneidade. Os pensadores de nosso tempo, sobretudo, os teóricos da educação, de certa forma abominam a teoria educacional “bancária” como indica Freire em *Pedagogia da Autonomia*.

Aliás, este modo de “pré-dar” as coisas como já prontas, esta mentalidade de imprimir personalidade ou caráter a algo ou alguém, ou ainda, o modo de agir onde um confere ao outro “inteligência”, este modelo está, em diversos espaços de conhecimento, condenado ao fracasso. No fundo, é a superação de uma compreensão do ser humano e do seu modo de conhecer como algo pura e estritamente técnico/mecânico, e, por ser, técnico/mecânico, logo, objetizado. Explicando melhor, o conhecimento e os processos do aprender no decorrer da história e, ainda mais no auge da era moderna, foram equiparados aos processos mecânicos, tornados objetos como as máquinas e, por isso, manipuláveis para cá e para lá desconsiderando, desta forma, todos os processos e movimentos próprios e não objetiváveis da vida humana.

Usualmente entendemos as coisas como serventia, no modo de meio para um fim, lançado de antemão, como objetivo de um plano. Diz-se que é útil de instrumento do projeto de

planejamento. Antes, porém, de todos os nossos projetos e planejamentos há o uso. Uso na acepção de usos e costumes. Uso na acepção de “uso na vida”. E nesse “uso da vida” não cabe mesurarmos a vida no plano mecânico da Filosofia desde Descartes. A vida é em si mesma e desde sempre algo que tem muito da *physis*, se dá e é na liberdade de sua própria natureza (HARADA, 1999, p. 36).

Um novo modo de compreender a educação é possível e, aliás, parece ser o mais cabível para o cenário educacional da atualidade. Neste sentido, e nesta perspectiva é necessário dizer que mesmo nos velhos moldes educacionais se pode conferir uma educação pautada na construção conjunta do saber:

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer, em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” (FREIRE, 2005, p. 13).

E na gênese de um modo diferente, na nova perspectiva, de conceber a educação filosófica, uma educação que responda melhor aos anseios do homem contemporâneo, está aquela noção da *Paideia* grega. É esta a noção que talvez dê um respaldo positivo ao que se pretende com a educação filosófica e é esta noção que deverá nortear a prática docente. *Paideia* muitas vezes é traduzida por formar. Mas formar parece não ser a melhor tradução do que a palavra grega *Paideia* realmente quer expressar. No fundo, *Paideia* expressa uma “autocondução”, um modo do sujeito se auto intencionar em direção à *Areté*, isto é, a pessoa mesma querer ir em direção à virtude, ao conhecimento, à sabedoria. Certamente a passagem da Alegoria da Caverna de Platão, muito famosa, é conhecida. É, mais ou menos, este o movimento da *Paideia*. Tendo visto a sombra de alguns objetos, impelido por querer saber o que era aquilo, o prisioneiro do fundo da caverna parte em direção à saída, ao encontro do sol. Contempla o sol, toma conhecimento do que produzia as sombras, mas, retorna ao fundo da caverna. Porém, este prisioneiro que teve contato com o sol ao voltar à caverna ele não volta mais como saiu. Ele volta com o olhar de quem viu o sol, de quem obteve o conhecimento.

A partir disso, quer-se anotar que *Paideia* é a própria virtude a denominada *Areté*. A educação, essa ação de “auto-conduzir-se” em direção à virtude, isso já é a virtude, o conhecimento, a sabedoria.

Através desta formação, “*a paideia*”, o grego visava a conquista da “*areté*”, isto é, da virtude, que, tal como “valor”, quer igualmente dizer “força”. Através da educação, a *areté*! Não que educação fosse meio para se atingir um fim (a *areté*); um instrumento para se obter uma meta, um objetivo, a *areté*, que estivesse projetado e programado fora e além da educação e que fosse outra coisa (idealizada!) que a própria educação, *paideia*. Não. A educação, *paideia*, já é *areté*. O movimento para a coisa já é a própria coisa, isto é, o movimento para a *areté*, a *paideia*, já é ele mesmo *areté*. *Areté* é, pois, formação, educação; educação, formação, é, pois, *areté*. E *areté*, dizendo virtude, força, claro, não pensa ou subentende força no sentido bruto ou físico, mas força no sentido de força de ânimo, de alma, que é força vital, vitalidade. Isso, para o grego, está ligado à excelência, à nobreza ou ao aristocrata, isto é, ao forte (FOGEL, 2010, p. 38).

Não é possível pensar outro modo de ser da educação da filosofia nos dias atuais, que não um modo de liberdade, onde o indivíduo por si mesmo queira aderir ao conhecimento e, muito mais que somar conteúdos, queira ser pessoa de virtude, portador e possuidor da *Areté*. Como bem ilustrou Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, em *Das três Transformações do Espírito*, o camelo é conduzido, não age por si, no bom português “é pau mandado”. Para a educação, o indivíduo que nunca toma o protagonismo de seu “conduzir-se” em direção à *Areté* é camelo. Nunca fará nada por vontade e iniciativa própria, está condenado a nunca ser si mesmo. O leão tem algumas ações que são suas, iniciativas próprias, quer ser livre, mas, ainda é dominado por um senhor que lhe dita um “tu deves”. O “tu deves’ atravessa-lhe o caminho, de brilho dourado, uma criatura escamosa, e sobre cada escama cintila em dourado: “Tu deves” (NIETZSCHE, 2015, p. 43). Por fim, a criança é a expressão da liberdade necessária para que a educação filosófica seja esse movimento de livre intenção e vontade em direção à virtude e ao conhecimento. Ninguém dita à criança o que fazer e por onde ir. Ela age por si mesma. Eis o que o próprio Nietzsche diz a esse respeito:

Mas dissei, meus irmãos, de que é capaz a criança, que também o leão não pudera fazer? Por que precisa o leão predador ainda fazer-se criança? Inocência é a criança, e esquecimento, um recomeço, um jogo, uma roda que gira a partir de si mesma, um

primeiro movimento, um sagrado “dizer sim”. Sim, para o jogo da citação, meus irmãos é necessário um sagrado “dizer sim”: a sua vontade quer agora o espírito, o seu mundo ganha agora aquele que fora perdido para o mundo. Três transformações enumerarei-vos do espírito: Como o espírito tornou-se camelo, e o camelo leão, e o leão, por fim criança. (NIETZSCHE, 2015, p. 44).

Com isto, e a partir disto, insiste-se neste aspecto de educação filosófica como um movimento autônomo, livre e emancipador de cada pessoa em direção ao conhecimento e à excelência da virtude, a *Areté*, dos gregos. Porém, fica então uma pergunta importante a ser feita: Onde entra o papel do professor nesta história? Qual a função que ocupa o professor de filosofia neste cenário onde o aluno é todo e aparentemente o único responsável por seu caminho em direção ao conhecimento e à virtude?

Um aspecto importante a se destacar aqui para de alguma forma acenar um caminho de resposta a esta questão insere-se numa colocação muito pertinente do professor Gilvan Fogel em um artigo publicado na Revista São Boaventura. No referido artigo, o professor diz que o processo do educar é como que não aceitar as coisas da “onda”, do momento. Educar é, também, ser como que um “advogado do diabo” que mostre outro caminho de ir em busca da *Areté* que não aquele estabelecido pelo pensamento e pelo senso comum dominante.

Bem, é possível que educar, tal como pensar, não seja algo que se faça, seguindo a corrente e a onda, isto é, indo solto e largado a favor, ao encontro do tempo, da época, mas, antes, indo contra o tempo, contra a época. O educador, tal como o pensador, talvez precise ser o que Nietzsche chamou, designando o pensador, “a consciência malvada de sua época”, “o crítico e o sátiro do momento”. E isso não por caprichoso bel-prazer, mas para manter o tempo, a época alerta, viva, acesa em relação a si mesma, a seu próprio tempo ou época, isto é, em relação a seu passado, presente e futuro (FOGEL, 2010, p. 39).

Portanto, o educador tem um papel importante no que tange as relações no ato de educar. A ele é dada a responsabilidade de ler a realidade, de tomar tudo isso com propriedade e com refinado espírito filosófico, aquele espírito que prefere permanecer nas questões ao invés de dar tudo como acabado e pronto, demonstrar ao educando, na liberdade pré-disposta, indispensável e fundamental, que é necessário

ir ao encontro da virtude na reação às coisas dadas e prontas, seja na sociedade, na academia ou no pensamento.

A opinião vigente, a ideia fixa da época, isto é, o uniforme, a farda e a futilidade do tempo é a informação. Hoje se diz e se pensa que conhecimento é informação e que educar é, deve, precisa ser transmitir, divulgar e aumentar conhecimentos, ou seja, acumular informações. Opções! Quanto mais memória, mais conhecimento, mais educação! Peito estufado, boca cheia, fala-se de produzir conhecimentos, isto é, gerar informações. Isto provoca um culto e uma beataria da, pela informação. Portanto, diz-se, acha-se, informação é conhecimento e adquirir e gerar mais e novos conhecimentos é acumular, capitalizar (memória!) mais e novas informações, quer dizer, dados, pois informação, por princípio e definição, é o dado, ou seja, o feito, o cristalizado. O informado na informação é o registrado, o fixado ou o coisi-ficado no dígito, como dígito. Pois bem, contra isso há que pensar; isso é preciso desestabilizar, e educar precisa ser um levar e um conduzir contra isso, a saber, contra a defesa e a consolidação de um tal modo de ser e de pensar, que se transforma na defesa, na propagação e na consolidação do cadáver, da morte – a morte da vida, que, por seu lado, é essencialmente criação. O contra é a favor da criação. Este é o sim. Só na dimensão da criação é preciso conceber o verdadeiro conhecimento e compassado com este modo de ser, a criação, precisa andar e falar a educação (FOGEL, 2010, p. 40).

Reagir desta forma ao que está aí, e que passa batido no nosso dia a dia, é algo fundamental para o espírito criativo que caminha, pode-se dizer, lado a lado com o indivíduo que quer percorrer um caminho em direção à *Areté*. Ainda, segundo as palavras do professor Fogel, educar/educação tem muito a ver com criação. E, segundo o filósofo Heidegger, criar ou o “espírito inventivo” é algo muito próprio do ser humano enquanto se encaminha para a plena realização, isto, certamente, corresponde a educar no sentido de *Paideia* de ser si mesmo.

Criar é próprio do espírito inventivo. Criar é o ser que sempre já somos se lançando para fora de si mesmo, extravasando como que num ato de extrema doação. É o *Dasein* no seu momento mais pleno de expressão da beleza que encerra em seu ser si mesmo. Na invenção *Dasein* se inclina à sabedoria, à *sophia* que lhe deixa sempre de novo em toda parte em casa. E nisto, *Dasein* se lança com toda a força que há no cerne de seu ser para

a mansidão e o repouso da posse da *arethe*. É virtuoso! É pleno no caminho de conduzir-se à sua plenificação (HEIDEGGER, 1977, p. 47).

Como se vislumbra, a educação filosófica até aqui enunciada, pouco, ou quase nada tem a ver com soma, com acúmulo de informações, de conteúdos. Tem sim muito a ver com um modo de ser e estar na vida, atento à virtude que norteia a vida do homem que ansioso quer tomar parte do conhecimento e da sabedoria de todas as coisas. Educação é então estar todo voltado e aberto para receber o momento e o instante criativo de tudo o que se nos apresenta. Aí não interessa se é o cálculo aritmético de $2 + 2$, ou algum gráfico geográfico, ou algum dado histórico, ou as regras gramaticais, interessa sim que tudo isso faz parte de um ritmo próprio da vida que não domina o conhecimento, mas que o dispõe como algo nunca fechado e dado em si. Este tipo de conhecimento capacita o indivíduo para ser hábil nas matérias acadêmicas, a abertura à *Areté*, o modo de educar da *Paidéia*, capacita o indivíduo para muito além das disciplinas acadêmicas, o capacita para ser gente! E isto não advém pela arrogância do conhecimento fechado em si, e por isto fadado ao fracasso. Educar “paideticamente” comporta sim certa simplicidade que tem tudo da vida simples e livre que todos nós possuímos em sua gênese. Por isso, Freire na conclusão de *Pedagogia da Autonomia* em certo desabafo diz que:

Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente (FREIRE, 2005, p. 92).

O educador precisa estar revestido desta simplicidade para que conduza a bom porto, não os seus educandos, mas, sim, a obra educacional a que estão destinados por natureza de vocação.

Pode-se perguntar: quem educa, quem conduz para a criação, para a liberdade para a criação? Não é o “professor”, não é o “graduado”, o “erudito”, o “pósgraduado”, o “doutor”, o “pós-doutor”. É, sim, o educador, um tipo simples, muito simples (pode perfeitamente também ser “graduado”, “doutor”!) que é, sim, mestre, um grande mestre e que, silencioso, discreto, praticamente despercebido, tal como “passo de pombo, que traz grandes acontecimentos assim como grandes pensamentos”

(Nietzsche), e ainda como divindade de Delfos, que nem esconde e nem escancara, mas acena, só acena (FOGEL, 2010, p. 47).

Finalizando, cabe fazer ainda mais uma pergunta: no que a filosofia pode contribuir nesta nobre obra da educação enquanto ida dos educandos ao encontro da virtude que é a sabedoria, o conhecimento?

Kant, diante de uma plateia cheia, perguntado sobre qual a relevância de suas investigações filosóficas, questionado sobre a importância de um Esclarecimento na Filosofia e pressionado a se posicionar ante um modo, uma “escola” filosófica que ele supostamente estaria iniciando, responde com a simples frase, que muito tem a contribuir com a pergunta supracitada. “Não há filosofia que se possa aprender; só se aprende a filosofar” (KANT, 1992, p. 36).

Não há, no fundo, uma filosofia que seja própria para a educação, mas, em adentrando neste caminho muito insistido que é a busca da virtude, ali há uma contribuição da filosofia como meio, para que este intento seja possível. É sabido que, desde sempre, a filosofia foi a busca incansável pela origem e pela causa das coisas. Mas essa busca, quem a quer fazer não necessita de ensino, não necessita aprender. Esta busca pelas coisas mesmas está, no fundo, em cada ser vivente que somos cada um de nós. Não há um caminho para ser filósofo, se é filósofo filosofando. Só se aprende a filosofar filosofando. Só se aprende a andar neste caminho do educar, ambos educador e educando, fazendo este caminho. Não se é educando e nem educador na teoria, por isso, a filosofia tem algo a contribuir com a educação quando ela, a filosofia, desinstala educador e educando do seu chão já pronto da mesmice e “simplicidade” da academia e os lança, às vezes até de forma violenta, neste caminho livre em direção à *Areté*.

Nesta mesma ocasião, Kant ainda emendou a sua resposta dizendo o seguinte:

“[...] não tive intenções quando me referi a Esclarecimento. É algo tão próprio da minha Filosofia que Esclarecimento para mim é cada um fazer uso de sua própria razão, sair da minoridade para a maioridade da razão”. E o filósofo continua: “Por isso, digo a cada um de vós: *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento” (KANT, 1992, p. 53).

A filosofia, mais uma vez, contribui para a educação ao passo que cumpre esta máxima kantiana de provocar a saída da minoridade, onde alguém sempre precisa responder por outrem. A filosofia contribui para a educação ao passo que,

neste caminho de encontro com a virtude, eleva o espírito do ser pensante à sua maioria da razão, plenitude do encontro consigo mesmo e com suas habilidades. Ser maior na arte de pensar, de usar a razão é poder decidir-se e reconhecer-se como ser dotado da capacidade de ter em suas mãos todas as possibilidades de ser e, também, de não ser. De decidir-se por ir ao encontro da *Areté* ou de permanecer neste estado aí dado e pronto.

A resposta a esta provocação não vem de outro lugar senão da profundidade que cada um é, em si mesmo. Isto tudo demonstra o limite do que é possível dizer enquanto expressão do que se pensa. Daqui para frente, cada educador e cada educando, seja na vida, seja na prática cotidiana do educar precisa topor com si mesmo e caçar aí o que realmente vislumbra com este nobre processo do educar e aprender.

Talvez, Rainer Maria Rilke ajude a ir em direção do interior de cada um e a sondar ali, o que se precisa saber para o modo de ser do educar e o parafraseando podemos nos perguntar: Morreria, se lhe fosse vedado educar?⁵ Da resposta a esta pergunta, virá à razão e o modo de ser do educar em cada professor e em cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar importantes teóricos, que nos conduzem na compreensão da educação verdadeiramente filosófica, podemos perceber que ainda há muito que se fazer para que de fato as aulas de filosofia de nossas escolas cumpram com a função de promover o amor à sabedoria, a busca da verdade e o desejo de saber de modo não acumulativo.

A educação verdadeiramente filosófica deve ocorrer de modo autêntico, motivada a partir de uma vontade própria, ou como fora salientado, de modo maior e esclarecido por cada pessoa que com ela tem contato. Deve também proporcionar importantes posturas como a crítica, liberdade e a autonomia que por sua vez criarão um ser humano emancipado e conectado com o mundo em que vive, de modo ativo tornando-se verdadeiros protagonistas de nossa história.

⁵ O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar, - ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: “Sou mesmo forçado a escrever?” Escave dentro de si uma resposta profunda (RILKE, 1983, p. 22).

O estudo da filosofia ainda é uma grande fonte de sabedoria necessária às nossas vidas, principalmente em nossos dias atuais, por isso deve ser incentivada e estimulada, deve ser uma presença real na vida de crianças, jovens e adultos, mas de modo significativo, que crie um elo entre as teorias e o mundo em que vivemos.

Para finalizar a de se ter em mente que o artigo apresentado buscou suscitar expectativas e ao mesmo tempo incomodar o leitor, para que se faça uma intensa reflexão sobre o nosso comportamento no mundo seja aprendendo ou ensinando, assim, convém que a partir dele cada pessoa possa se reanalisar e favorecer a si próprio uma nova forma de Ser no mundo, enquanto um sujeito emancipado.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- _____.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.
- BUZZI, A. R. **Introdução ao pensar**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**: educação é a base, ensino médio. Brasília: Ministério da Educação 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- FEUCHTWANGER, L. Odysseus und die Schweine: das Unbehagen na der Kultur. In: BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 28.
- FOGEL, G. Notas a respeito da educação. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 37-48, jan./jun. 2010.
- FRANKLIN, K. **Filosofia no ensino fundamental**. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GALLINA, S. O ensino de filosofia e a criação de conceitos. In: **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 359-371, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n64/22836.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- GIACHINI, Enio Paulo. Scintilla. **Revista de Filosofia e Mística Medieval**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 5-6, 2004. Disponível em: < <http://www.saoboaventura.edu.br/galeria/getImage/45/4772974002588750.pdf> >. Acesso em: 04 dez. 2018.
- HARADA, Hermógenes. In: SCHUBACK, Marcia Sá Calvancante. **Ensaios de Filosofia**: Homenagem a Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 35-50.
- _____. De como estudar. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 11-76, jul./dez. 2011.
- _____. Provirtus, reflexões. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 141-166, jan./jun. 2012.
- HEIDEGGER, Martin. O caminho do campo. In: **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v. LXXI, n. 4, p. 47-48, maio 1977.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: **Textos seletos**. Tradução de Raimundo Vier. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985
- _____. Kant e o Ensino de Filosofia. In: **Lógica**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: L&PM, 2015.
- RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Tradução de Paulo Rónai. 11. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979.
- SGRILLI, Haryanna Pereira. A formação para autonomia: contribuições da teoria crítica da escola de Frankfurt. **Revista de Iniciação Científica da FFC**. São Paulo, v. 8, n. 3, p. 307-318, 2008.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Pensamento filosófico: um enfoque educacional**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de José Arthur Giannotti. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968.

